



Gazeta do Oeste: uma análise sobre o processo de construção da notícia¹

Alexandre Pereira da FONSECA²
Isaiana Carla Pereira dos SANTOS³

Ygo Prudêncio MAIA⁴
Marcília Luzia Gomes da Costa Mendes⁵
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, RN

RESUMO

A notícia que chega ao consumidor é o produto final de um longo processo, que se inicia a partir de um acontecimento desorganizador. Esse processo é complexo e, para compreendê-lo, é necessário analisar as rotinas produtivas dos *mass media*. Deste modo, este artigo tem como objetivos analisar os procedimentos de construção da notícia e detectar na prática as teorias do jornalismo, tendo como objeto de estudo o jornal *Gazeta do Oeste*, do município de Mossoró/RN. A coleta de dados foi realizada com a técnica de observação participante e tivemos como base teórica as contribuições dos autores Miquel Rodrigo Alsina, Nelson Traquina, Mauro Wolf, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias do Jornalismo; *Gazeta do Oeste*; Rotinas produtivas; Construção da notícia

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As notícias chegam às pessoas de várias formas: através da internet, do rádio, da TV ou do jornal impresso, só para citar algumas. Este é o produto final de um longo e complexo processo. Até hoje, inúmeros estudos foram feitos e várias teorias já foram formuladas. Todas procurando a resposta para a emblemática pergunta: “porque as notícias são como são?”. É onde se acentua a dificuldade de alcançar a precisão de um estudo que envolve pessoas e, principalmente, reflexões filosóficas.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN-RN, email: alexandrefonseca19@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN-RN, email: isaiana.carla@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN-RN, email: ygo_p_maia@hotmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Integra o corpo docente do curso de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: marciliamendes@uol.com.br.



Neste artigo, será analisado o processo de construção da notícia no jornal *Gazeta do Oeste*, do município de Mossoró/RN. A coleta de dados se deu através da técnica de observação participante que, segundo Mauro Wolf (2003, p. 186), por meio dela, “é possível reunir e obter, sistematicamente, as informações e os dados fundamentais sobre as rotinas produtivas que operam na indústria dos *mass media*”.

Fundado em 1977, pelo professor e economista Canindé Queiroz, o jornal *Gazeta do Oeste* vai às ruas pela primeira vez com uma tiragem de cerca de 500 exemplares diários. A princípio, Canindé montou uma prestadora de serviços que atendia às prefeituras, com serviços de assessoria e gráfica, a ASTECAM (Assessoria Técnica Planejamento e Gráfica Ltda.).

A *Gazeta* foi o primeiro jornal tabloide do RN. Quando surgiu, a intenção de Canindé era fazer um jornal que divulgasse notícias da cidade. Como percebeu que não poderia concorrer com o rádio e a TV, decidiu que a particularidade do jornal seria divulgar, preferencialmente, notícias locais.

Em 23 de agosto de 1980, o jornal ganha o Prêmio Herzog de Comunicação, promovido pela Associação dos Jornalistas de São Paulo, com o artigo “Mão Branca e os interesses do poder”, com a autoria do jurista Paulo Linhares. Com isso, a *Gazeta do Oeste* foi o primeiro jornal da cidade a ganhar um prêmio de jornalismo.

A visita à redação da *Gazeta* aconteceu no dia 27 de novembro de 2014, no turno matutino. A intenção era acompanhar a rotina produtiva da repórter Kalidja Sibéria, que no referido dia ficou responsável por duas pautas: uma sobre o *test drive* da Amarak, o lançamento da nova picape da *Volkswagen*, e outra sobre as dúvidas dos pais diante da iniciação escolar dos filhos.

Além disso, também foi observada a rotina interna do jornal na alimentação das redes sociais, responsabilidade da jornalista Iuska Freire, que introduz uma perspectiva diferente às notícias veiculadas no sítio, com relação ao jornal impresso.

O referencial teórico utilizado foi os autores Miquel Rodrigo Alsina, um dos pioneiros nos estudos sobre o acontecimento jornalístico; as análises das principais teorias do jornalismo em Nelson Traquina; os estudos de Mauro Wolf a respeito do *newsmaking*, tratando o emissor como produtor de informação; dentre outros.

1. UMA REFLEXÃO SOBRE A ATIVIDADE JORNALÍSTICA



A própria definição de jornalismo implica uma série de impasses. Para Adelmo Genro Filho (*apud* Meditsch, 1992), o jornalismo é uma forma social de conhecimento. No entanto, para diferenciá-lo da Arte e da Ciência, por exemplo, que também são formas sociais de apropriação de conhecimento, o autor busca na filosofia de Hegel algumas especificidades para construir o conceito de jornalismo. Para isso, vale-se das categorias do singular, do particular e do universal.

Adelmo propõe que o jornalismo se ancora no que é singular, ou seja, no que há de mais específico, peculiar e diferente. A escolha dos fenômenos que fogem à regra e, portanto, podem servir de matéria-prima para o jornalismo, é altamente subjetiva, pois depende da percepção individual. Sendo assim, a neutralidade e a objetividade, tão procuradas pelo jornalismo, na verdade, acabam não existindo. Meditsch (1992, p. 31) afirma:

É evidente que essa forma de conhecimento recebe uma inflexão ideológica segundo a visão dos intermediários, dos veículos ou dos indivíduos que o produzem. O Jornalismo também trafica, ao reconstruir o mundo, uma concepção sobre o mundo (MEDITSCH, 1992, p. 31).

O jornalismo não consegue dar conta de tudo o que acontece no mundo. Por isso, os jornalistas se incumbem de reconstruir o mundo através de notícias, fazendo recortes. Eles organizam o caos dos fenômenos e oferecem aos indivíduos aquilo que consideram ser de interesse público. A mídia dá visibilidade aos fatos e aproxima os indivíduos de uma realidade que eles não puderam observar, sendo que aquilo “que não aparece na mídia não existe para muita gente” (ALSINA, 2009, p. 129).

Partindo da lógica de que os fatos comuns e pouco singulares não merecem ser publicados, a mídia acaba tendo uma visão equivocada sobre o modo como os indivíduos enxergam o mundo. Ela utiliza essa ideia “para supor os interesses de seus públicos e, com base nesses supostos interesses, orientar o próprio olhar sobre o que seja o acontecimento jornalístico” (BENETTI, 2010, p. 147). Vale lembrar que o desvio em relação à norma, como será apresentado mais adiante no presente artigo, não é o único critério utilizado pelos jornalistas para transformar um acontecimento em notícia.

O fato noticiado parte da premissa de um acontecimento desorganizador. Um sujeito observador, dotado de sensibilidade, percebe tal desordem e a transforma em um discurso jornalístico. Ao fazer isso, ele se torna também um participante ativo no



processo de construção da realidade. Benetti (2010, p. 160) diz que a maior força deste discurso construído pela mídia “está naquilo que se repete, definindo como é o mundo, quais são os valores contemporâneos e sobre como agir neste mundo narrado”.

Essa representação da realidade tem como ponto negativo o ato de descartar aspectos que não se enquadram no discurso midiático e “terminam por estabelecer, indiretamente, um suposto consenso social” (BENETTI, 2010, p. 162). Considerando que a construção das notícias recebe a influência dos jornalistas, para compreender porque as notícias são como são, é importante compreender, primeiramente, “a cultura profissional da comunidade jornalística” (TRAQUINA, 2004, p. 26).

2. AS TEORIAS NA PRÁTICA

O pesquisador italiano Mauro Wolf, no livro *Teorias da Comunicação* (2010), aborda conceitos claramente identificados com a reflexão jornalística, como o *gatekeeper*, critérios de noticiabilidade, fontes, agências de notícia, entre outros.

Dentro da organização do jornal, sempre haverá um ou vários profissionais responsáveis por selecionar as notícias que deverão ser publicadas ou não, é o chamado *gatekeeper*. O termo surgiu de um manuscrito de Kurt Lewin, em 1947 (SHOEMAKER; VOS, 2011). A teoria do *gatekeeper* se refere à pessoa que toma uma decisão, numa sequência de decisões.

O processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos Gates, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo “portão”, se não for, a sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua “morte” porque significa que a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação (TRAQUINA, 2005, p.150).

Numa redação convencional, essa função se aplica ao editor-chefe. É ele quem se encarrega de abrir ou fechar os “portões” para as notícias do dia. No caso do jornal *Gazeta do Oeste*, que apresenta a peculiaridade de não realizar reunião de pauta, os repórteres tomam as decisões, atuando como *gatekeepers*.

No entanto, esta teoria estabelece uma concepção limitada da atividade jornalística, pois se baseia no conceito de seleção e “analisa as notícias apenas a partir de quem as produz: o jornalista” (TRAQUINA, 2005, p.151). Os estudos de jornalismo



se ampliam nos anos 70, quando surgem as Teorias Construcionistas, emergindo o paradigma das notícias como construção (TRAQUINA, 2005).

Estas teorias possuem duas vertentes que se complementam: a estruturalista e a interacionista. A Teoria Estruturalista aponta o jornalista como um profissional relativamente autônomo, apesar do controle econômico da empresa, e que não há um processo de negociação entre as partes. Já para a Teoria Interacionista, mais aplicada na atualidade, o processo de construção da notícia passa por uma negociação constante entre os diversos agentes sociais.

A seguir, será abordado como as teorias podem ser observadas nas rotinas produtivas do jornal *Gazeta do Oeste*, tanto na versão digital, quanto na mídia impressa, através das três fases citadas por Mauro Wolf (2003, p. 218): “a recolha, a selecção e a apresentação”.

3. A ROTINA PRODUTIVA DA GAZETA ONLINE

O trabalho da jornalista Iuska Freire, responsável pelas atualizações das redes sociais do jornal, no período da manhã, foi acompanhado de perto. Constatou-se que, na seleção das notícias, há uma preocupação em diferenciar as pautas do jornal impresso e do site.

O jornalismo digital sofreu mudanças ao longo do tempo. Nos anos 90, houve o boom da internet, que também revolucionou a forma de fazer jornalismo, influenciando “todos os tipos de veículo, em todas as fases de produção e recepção da notícia” (PENA, 2008, p.177). Deste modo, a *Gazeta* percebeu a importância de se produzir conteúdos diferenciados para as duas plataformas.

Freire atua como *gatekeeper*, pois seleciona as matérias que serão veiculadas e, se necessário, faz modificações, gerando um aspecto diferente da abordagem feita pelo jornal impresso. Os critérios utilizados na seleção tornam possível a rotina jornalística, uma vez que “são contextualizados no processo produtivo, em que adquirem significado, desempenham função e tornam-se elementos dados como certos, o conhecido senso comum da redação” (PENA, 2008, p.73).

Na redação, o contato da jornalista com as fontes é variável, sendo realizado através de telefonemas, redes sociais, dentre outras formas. Além disso, a *Gazeta* também utiliza como fontes as agências especializadas, que produzem seus próprios conteúdos. Segundo Wolf (2003, p. 233), “como acontece em relação às outras fontes,



os jornalistas têm critérios de avaliação da credibilidade e autoridade das agências, que se refletem nas modalidades de utilização e nos procedimentos de controle das notícias de agência”.

Na produção do conteúdo diário para a internet, a profissional consulta regularmente o Portal do Ministério Público do Rio Grande do Norte (MPRN) e o Portal do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Norte (TJRN). No âmbito nacional, a “Agência Brasil”, o “Reuters Brasil”, e ainda o site “Fotos Públicas”, uma agência que disponibiliza imagens autorizadas para reprodução.

4. **GAZETA: A ROTINA PRODUTIVA DO JORNAL IMPRESSO**

Toda notícia advém de um acontecimento. Um acontecimento só se torna notícia quando ele mexe na estrutura do sistema, quando perturba e, quanto mais extraordinário o acontecimento, maior o valor notícia, visto que “o acontecimento é o resultado da brutal coexistência de um fato com outros fatos, antes isolados uns dos outros da informação” (LEMPEN *apud* ALSINA, 2009, p. 115).

De acordo com Traquina (2005, p. 180): “As notícias são resultados do processo de produção, definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias)”.

A repórter Kalidja Sibéria (2014) no dia da visita contou com duas pautas: uma sobre o início da vida escolar de crianças e uma pauta comercial sobre o carro AmaroK da montadora *Volkswagen*, observando o valor-notícia de cada uma delas.

A primeira pauta se referia ao ingresso da vida escolar das crianças e às dúvidas que os pais têm na hora de escolher o primeiro contato estudantil para seus filhos. Na construção da reportagem, as fontes consultadas foram: uma psicóloga, uma criança de dois anos de idade, a tia da criança, que por sua vez, é uma professora, e um coordenador pedagógico.

A repórter saiu da redação com ideias predefinidas acerca das respostas que iria obter através das entrevistas. Para justificar a produção da matéria, isto é, identificar a relevância do assunto para o público leitor, foi apresentado alguns motivos referentes à atualidade, um valor-notícia importante dentro de um jornal diário. A realidade atual também foi levada em consideração, uma vez que hoje existem muitas mães trabalhando fora de casa e muitos casais que optam por ter apenas um filho.



Esse direcionamento dado pela repórter é parte essencial de toda e qualquer pauta. Segundo Medina (1978), a “angulação” é a primeira força do processo de produção da matéria jornalística. A concepção de Sibéria com relação às fontes, no entanto, não interferiu na construção do texto, que teve um tom predominantemente informativo.

Nos estudos de Mauro Wolf, os valores-notícia são divididos em duas categorias: os de construção, que são todos os critérios relevantes na hora de escrever a notícia, o que deve estar em destaque, o que não é prioritário; e os de seleção, referentes aos critérios que os jornalistas utilizam na hora de selecionar os acontecimentos que virarão notícia.

Como sugere a metáfora dos “óculos” especiais dos jornalistas, utilizada por Pierre Bourdieu, os repórteres “veem certas coisas e não veem outras” (TRAQUINA, 2005, p. 30). Identificou-se que, na pauta da vida escolar das crianças, o valor-notícia de seleção, seguindo os critérios substantivos – referentes à avaliação direta do acontecimento, sua importância e interesse – é a relevância.

Este valor-notícia responde à preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas. Este valor-notícia determina que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação (TRAQUINA, 2005, p. 80).

A matéria conseguiu cumprir o seu papel de ser relevante para o público, uma vez que levantou questões sobre o início da vida escolar das crianças, como: o momento certo para matricular; qual a instituição de ensino mais adequada; quais as atividades que devem ser ofertadas e, principalmente, a preocupação que os pais devem ter com a segurança dos filhos.

O resultado final foi a apresentação do material coletado, o último estágio do processo de construção da notícia. A matéria foi publicada no caderno relacionado diretamente à cidade de Mossoró, na edição do dia 07 de dezembro de 2014, com o título: “Início da vida escolar gera dúvida nos pais”.

A segunda pauta foi sobre o lançamento do novo modelo da picape Amarok, da montadora *Volkswagen*. A matéria foi publicada na edição do dia 28 de novembro de 2014, com o título: “Público aventureiro poderá curtir experiência offroad até amanhã”.

No local onde a repórter realizou as entrevistas e coletou as informações necessárias para a matéria, havia uma pista de *test drive* gratuito, que poderia ser



realizado mediante apresentação de documentos e do preenchimento de cadastro de segurança.

A repórter limitou-se a entrevistar apenas pessoas ligadas à empresa, como o piloto e a diretora da concessionária. A limitação interferiu diretamente no texto final. A matéria não abrangeu outros pontos de vista, como os dos clientes que passaram pela experiência do *test drive*. Assim, considerou-se que a postura da repórter se encaixa no que Nilson Lage (2003) diz a respeito do jornalista que se restringe à pauta:

O trabalho de reportagem não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto. Como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação, *insight*: a partir dos dados e indicações contidos na pauta, a busca do ângulo (às vezes apenas sugerido ou nem isso) que permita revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos (LAGE, 2003, p. 35).

Como fator de noticiabilidade, foi pontuado que a reportagem em questão não apresenta grande relevância. Seu requisito de determinação foi pautado pela necessidade dos jornais de manterem espaço para matérias comerciais. Constatou-se também como pouco provável uma recusa por parte da *Gazeta* àquela cobertura, pois outras mídias também foram convidadas a participar da experiência de fazer o *test drive* com pilotos profissionais da empresa.

Este é um aspecto importante no jornalismo. De acordo com Traquina (2005, p. 89), “as empresas jornalísticas não funcionam no vazio; têm concorrentes”. Isso implica na posição do jornal diante de determinado evento. Para não ficar em desvantagem ante os demais veículos de imprensa, a *Gazeta* não poderia deixar de fazer a cobertura, embora não fosse nenhum furo de reportagem:

Para ser o primeiro a ver alguma coisa, o jornalista está mais ou menos disposto a tudo e, como os jornalistas se copiam mutuamente, cada um deles para ultrapassar os outros, para fazer primeiro que os outros, ou para fazer de modo diferente dos outros, acabam por fazer todos a mesma coisa (BOURDIEU *apud* TRAQUINA, 2005, p. 90).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste artigo foi observar, na prática, as teorias estudadas em sala de aula e, a partir disso, analisar como ocorre o processo de construção da notícia no jornal *Gazeta do Oeste*, identificando os valores-notícia presentes nas matérias, além das



teorias do jornalismo, como a do *gatekeeper* e a interacionista. Este estudo também se propôs a responder a pergunta “por que as notícias são como são”.

Notou-se que a *Gazeta* está atenta às mudanças que aconteceram no jornalismo ao longo do tempo e procurou se adequar, tendo em vista a crise que atinge os jornais impressos. Uma prova disso é a preocupação com os conteúdos publicados no site e nas redes sociais do jornal. Quando o jornalismo digital surgiu, as matérias veiculadas eram, basicamente, cópias do que havia saído na mídia impressa.

Organizações jornalísticas como a *Gazeta*, perceberam a importância de se produzir conteúdos diferenciados, que atendam a um público com necessidades específicas, de maneira que passaram a investir nesse segmento. Os leitores que acompanham as notícias pela internet possuem outro perfil, o que implica na escrita da matéria, que é publicada de um jeito mais leve, buscando se desarmar do *lead* tradicional.

Constatou-se ainda a existência de múltiplos *gatekeepers*, principalmente pelo fato de não haver reunião de pauta na redação da *Gazeta*. Os repórteres possuem a liberdade para decidir o que deve virar notícia. Neste aspecto, acentuam-se os critérios de noticiabilidade e a percepção do jornalista acerca da realidade.

A rotina de uma repórter foi observada de perto para a realização deste artigo. De um lado, havia uma matéria de interesse público, relevante, embora fosse “fria”, ou seja, não necessitava de imediatismo para a sua publicação. Por outro, uma matéria de interesse comercial, em que se destacou também o poder da concorrência e como isso pode influenciar nos conteúdos jornalísticos. Desta forma, viu-se a importância dos valores-notícia na rotina de um jornal diário.

REFERÊNCIAS

ALSINA, M. R.. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BENETTI, M.. **O jornalismo como acontecimento**. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (orgs.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. V. 1. Florianópolis: Insular, 2010.

GERSON, M.. (Org). **Gazeta do Oeste: 30 anos sem meias palavras. Nem meias verdades**. Mossoró: Queima-Bucha, 2005.

LAGE, N.. **A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.



MEDINA, C. A.. **Notícia, um produto a venda:** Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

MEDITSCH, E.. **O Conhecimento do Jornalismo.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.

PENA, F.. **Teoria do jornalismo.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SIBÉRIA, K.. **Início da vida escolar gera dúvida nos pais.** Mossoró 07 dez. 2014. Disponível em:< http://issuu.com/zenitech_info/docs/07-12-2014_de_domigo/1>. Acesso em: 05 jan. 2015.

_____. **Público aventureiro poderá curtir experiência offroad até amanhã.** Mossoró 28 nov. 2014. Disponível em:< http://issuu.com/zenitech_info/docs/28-11-2014/1>. Acesso em: 05 jan. 2015.

SHOEMAKER, P. J.; VOS, T. P. **Teoria do gatekeeping:** seleção e construção da notícia. Porto Alegre: Penso, 2011.

TRAQUINA, N.. **Teorias do Jornalismo:** por que as notícias são como são. V. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, M.. **Teorias da Comunicação.** 8. ed. Lisboa: Presença, 2003.

ANEXO A: Início da vida escolar gera dúvida nos pais

Início da vida escolar gera dúvida nos pais

Responsáveis devem seguir critérios para escolha da instituição de ensino para os filhos

KALIDJA SIBÉRIA
Da Redação

O período de matrículas começou e, com ele, a preocupação dos pais que irão colocar os filhos na escola pela primeira vez. Dúvidas sobre qual instituição é a melhor, quais atividades deve oferecer, segurança, entre outras rotacionam os responsáveis pelos pequenos que irão iniciar a sua vida escolar.

A decisão de colocar na escola aos dois anos, por exemplo, tem sido uma forte aliada dos pais no que diz respeito à socialização das crianças pequenas, visto que atualmente o número de filhos tem diminuído nas famílias brasileiras. É cada vez maior o número de filhos únicos, o que acaba pesando na hora de decidir colocá-lo na escola para que tenha a oportunidade de se relacionar com crianças da mesma faixa etária.

Para a psicóloga infantil Érika Pedrosa, na hora de matricular o filho em uma instituição de ensino, é importantíssimo procurar saber qual a metodologia adotada pela escola, a proposta pedagógica, se esta vai de encontro ou não aos valores familiares. As expectativas almejadas pela família e pela criança. "É importante ainda, ficar atento à estrutura disponi-

bilizada pela escola, número de alunos e professores por sala, atividades extracurriculares", frisa.

A esperta Maria Luiza, de dois anos de idade, iniciará sua vida escolar a partir do próximo ano e, apesar da pouca idade, está ansiosa para o início das aulas. "Vou estudar na escolinha. Vou pintar, escrever, brincar com os coleguinhas", diz e ao ser indagada se está feliz por ir para a escola, ela não pensa duas vezes e responde "Muito feliz". A família de Maria Luiza também está se preparando para a nova etapa na vida da pequena futura estudante. A tia dela, que também é professora, Erluce Galvão, diz que a decisão de colocar a menina na escola a partir do próximo ano foi sendo tomada à medida que a criança demonstrava o interesse pelo colégio dos irmãos e também por ser muito esperta para a idade. "Ela é muito falante e sabida. Às vezes nem parece que tem só dois anos. Sempre que a gente vai deixar os irmãos na escola, ela pede para entrar, diz que vai estudar lá e vive pedindo à mãe pra ficar, por isso a minha irmã decidiu que no próximo ano ela vai estudar", diz.

Quanto à escolha da instituição de ensino, Érika Pedrosa destaca que os pais devem sempre procurar uma escola que atenda não somente as necessidades educacionais, mas também do ponto de vista da formação do cidadão. E como já explicitado acima, aliar os aspectos sociais, religiosos, familiares e culturais à escola. Sobre a escolha, Erluce Galvão explica que a sobrinha vai para uma escola que já é tradi-



A pequena Maria Luiza não vê a hora de começar a estudar



Coordenador Pedagógico, Jacó Raulino, esclarece dúvidas



Além do estrutura de escola, pais devem observar questões como metodologia adotada e a proposta pedagógica



Para o psicólogo infantil, Érika Pedrosa, "pais devem procurar uma escola que atenda não somente as necessidades educacionais"

ção na sua família. "As crianças da nossa família estudam todas nessa mesma escola. Já conhecemos o método de ensino e confiamos na metodologia. Nem foi pensado outro lugar para ela estudar", diz.

O coordenador pedagógico Jacó Raulino, comenta que é comum receber pais em busca de informações sobre a escola em que trabalha. Geralmente os pais querem conhecer a estrutura física da escola, buscam informações sobre atividades extras, sobre os professores. "É muito bom que os pais tenham essa preocupação, afinal eles es-

tão buscando uma instituição que vai fazer parte da vida do seu filho. Aqueles que estão em busca da primeira escola para o filho geralmente a maior preocupação é quanto à segurança. Eles verificam a estrutura da sala, o parquinho, a piscina... Quanto ao pedagógico para essa idade escolar a gente procura conscientizar os pais de que não podemos pular etapas. Nessa idade o mais importante é a socialização, a psicomotricidade, a interação... Tudo isso é importante e está ligado também à alfabetização de qualquer forma", destaca.

Érika Pedrosa destaca também que não existe um momento exato para iniciar a fase escolar. "A escolarização tem iniciado cada vez mais cedo, principalmente em virtude da maior inserção da mulher no mercado de trabalho. Portanto, o momento adequado irá corresponder à necessidade de cada família. Alguns precisam ir para a creche logo cedo, outros aos 2, 3 anos. Todavia, do ponto de vista pedagógico, normalmente, a partir dos 2 anos e meio a maioria das escolas já recebem a criança para as séries pré-escolares".

Para aqueles pais que já passaram pela experiência do primeiro ano escolar dos filhos, a psicóloga ressalta que a melhor forma de avaliar a escola é através da observação do próprio desenvolvimento da criança. Isto sob o ponto de vista não somente da aprendizagem, mas da socialização, da motricidade, dos valores sociais. "Por outro lado, é importante perceber como se deu a relação entre os pais e a escola, como foi o diálogo, como superou dificuldades, a escola deve sempre ser parecida dos pais, da família. E vice-versa", pontua.



ANEXO B: Público aventureiro poderá curtir experiência offroad até amanhã

Público aventureiro poderá curtir experiência off road até amanhã

Os fãs de aventura off road terão até este sábado, dia 29, para colocarem prática suas habilidades em uma pista repleta de obstáculos montada especialmente para a prática. Com o objetivo de proporcionar aos clientes, bem como ao público em geral que gosta de aventura, uma experiência radical, a Seel Veículos montou uma pista off road na Avenida Dix-neuf Rosado (Leste-Oeste), especialmente construída para que o condutor possa dirigir as versões da picape Amarok.

A pista possui 300 metros de comprimento, com diversos obstáculos ao longo do percurso para que sejam testados os mais diversos componentes da Amarok. Durante todo o teste, os clientes são acompanhados por pilotos profissionais. Os testes nos veículos são gratuitos. Para testar é necessário apenas apresentação da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e preenchimento de um cadastro. "Garantimos a segurança do condutor e nenhuma manobra é feita sem acompanhamento. A segurança é uma das prioridades da picape durante a demonstração e o participante pode comprovar", destaca o piloto Heitor Fernandes.

A sensação de quem está de fora observando o percurso é de que o veículo pode capotar a qualquer momento, no entanto, quem participa de dentro da picape não tem o mesmo sentimento, já que a estabilidade do veículo permite que os ocupantes tenham conforto e se sintam seguros. "Para a prática do off road todos os pilotos da nossa



FOTOS: EDILTON NEVES

Picape cruza obstáculos da pista off road com facilidade, sem prejudicar conforto dos passageiros.



Para quem observa de fora do veículo, a impressão é que automóvel pode capotar.

equipe participam de treinamentos variados e seguem todas as regras de segurança. A intensão é mostrar a tecnologia que o veículo oferece e a comodidade de estar dirigindo sem qualquer dificuldade mesmo numa pista cheia de obstáculos. É justamente essa tecnologia que nos auxilia a pilotar com segurança. São equipamentos de última geração e de primeiro mundo", destaca o piloto.

Durante o percurso, o condutor recebe instruções de profissionais credencia-

dos, como o piloto especializado Heitor Fernandes, que acompanhou a equipe da GAZETA DO OESTE no test drive.

Para quem não tem experiência, o piloto afirma que a picape atende tanto o piloto experiente quanto os iniciantes, já que é equipada com as funções Controle Eletrônico de Estabilidade (ESC), que inclui Assistente para Partida em Subida (HSA) e o Controle Automático de Descida (HDC), a Amarok faz tudo pelo motorista, que pode di-

rigir com tranquilidade e segurança. Para os menos aventureiros que não quiserem dirigir o veículo, tem a opção de fazer o percurso no banco do carona.

"A ideia é fazer com que as pessoas testem e saibam o que uma Amarok é capaz de oferecer, como a transmissão automática de oito marchas, exclusiva na categoria e outros equipamentos que conferem condições diferenciadas frente a outras picapes da categoria", explica Andréa Jales, diretora da concessionária.